

BOLETIM DO MERCADO DA PINHA

CAMPANHA DE 2015/2016

unac



União da Floresta Mediterrânica



PROGRAMA DE
DESENVOLVIMENTO
RURAL 2014-2020



PORTUGAL
2020



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola
de Desenvolvimento Rural
A Europa Investe nas Zonas Rurais

A UNAC UNIÃO DA FLORESTA MEDITERRÂNICA

A UNAC representa os interesses dos produtores florestais do espaço mediterrânico português junto das instituições nacionais e europeias, através de uma estratégia de intervenção de cariz técnico-político. Acompanha e analisa todos os processos e iniciativas com relevância e interesse para os seus associados, como é o caso das políticas rurais, florestais, ambientais e fiscais. Através da UNAC, as organizações de produtores florestais do espaço mediterrânico definem posições comuns sobre temas estratégicos e transversais, desenvolvendo contributos e participações válidas, construtivas e tecnicamente fundamentadas.

Tem uma área territorial de influência de dois milhões de hectares, representando cerca de 700.000 hectares de áreas agroflorestais e cerca de 16.000 produtores.

FICHA TÉCNICA

Edição: UNAC - União da Floresta Mediterrânica

Design Gráfico, Paginação e Preparação Gráfica: Whitespace

Impressão e Acabamento: Whitespace

Tiragem: 1.500 exemplares

Lisboa, Dezembro 2016



ÍNDICE

4	Nota Prévia
4	Sumário Executivo
5	1. Enquadramento
5	1.1 Contexto Internacional
5	1.2 Contexto Nacional
6	1.3 Mercado da Pinha e do Pinhão
7	2. Incidências da Campanha
7	2.1 Evolução das Condições Climatológicas no Triénio
9	2.2 Incêndios Florestais, Pragas e Doenças
10	3. Fatores Determinantes da Estrutura de Custos da Apanha da Pinha
10	3.1 Energia
10	3.2 Taxas de Juro
11	3.3 Custos de Apanha
11	4. Caraterização da Campanha de 2015/2016
12	4.1 Enquadramento da Campanha
12	4.1.1 Oferta e Procura
13	4.2 Resultados do Inquérito
13	4.2.1 Caraterização do Universo dos Inquéritos
13	4.2.2 Colheita e Comercialização
13	4.2.3 Preços de Comercialização

NOTA PRÉVIA

Uma das principais lacunas existentes é a ausência de informação atualizada e periódica sobre o mercado da pinha, uma componente essencial para o equilíbrio das relações comerciais entre a oferta e a procura desta matéria prima. Considerou-se por isso que, face à importância que a pinha e o pinhão representam para o País, era necessário iniciar a implementação de um procedimento de compilação de informação relevante para a caracterização do mercado da pinha, possibilitando um maior conhecimento do mercado aos produtores.

Foi esta questão que determinou que a UNAC implementasse um procedimento de compilação de informação relevante para a caracterização do mercado da pinha, possibilitando um maior conhecimento das dinâmicas de mercado aos produtores.

A UNAC, em conjunto com as suas organizações de produtores florestais filiadas, realiza o Inquérito sobre a Comercialização da Pinha, que tem possibilitado a recolha junto dos produtores de um conjunto de indicadores relativos ao mercado da primeira transação de pinha.

Esta relevante iniciativa, que constitui a única forma de se obter uma perspetiva das tendências e preços da comercialização da pinha no decurso da campanha, depende exclusivamente da colaboração dos produtores florestais.

Por esse facto, não podemos deixar de agradecer a todos os associados que ao responder ao inquérito confiaram na sua Associação partilhando informações e promovendo o desenvolvimento do setor produtivo do pinheiro manso e da pinha.

SUMÁRIO EXECUTIVO

Apesar de um contexto macroeconómico mais favorável a nível mundial, e da manutenção da tendência de recuperação da economia portuguesa, o mercado da pinha e pinhão apresentava desempenhos negativos, quer a nível interno, quer a nível externo.

As exportações portuguesas de pinha/pinhão em 2015 apresentaram uma redução substancial de cerca de 35%, tendo atingido os 9,6 milhões de euros.

Este enquadramento negativo teve reflexos no preço médio de comercialização da pinha colhida (preço de pinha colhida e pesada) que foi de 0,55 €/kg, uma redução de 11% face ao preço do ano anterior.

O custo médio de apanha da pinha na campanha de 2015/2016 foi de 0,29 €/kg, um decréscimo de 18% face ao ano anterior.

1. ENQUADRAMENTO

1.1 CONTEXTO INTERNACIONAL

O crescimento mundial foi mais moderado em 2015 (3,1%) do que no ano anterior (3,3%). A aceleração da atividade económica nas economias avançadas foi contrabalançada pelo abrandamento das economias de mercado emergentes, especialmente da Rússia, do Brasil e da China. Nas economias avançadas, a melhoria dos mercados de trabalho, as condições financeiras e os preços baixos do petróleo potenciaram a manutenção do ritmo de crescimento (Boletim Económico, Maio 2016, Banco de Portugal).

Por outro lado, as economias de mercado emergentes mantiveram a tendência de abrandamento devido à descida de preços de matérias-primas e, nalguns casos, de problemas geopolíticos e da aplicação de sanções económicas internacionais, como foi o caso da Rússia.

1.2 CONTEXTO NACIONAL

A recuperação da economia portuguesa consolidou-se em 2015, com o aumento da procura interna e das exportações.

A normalização das condições financeiras teve um efeito importante para as empresas portuguesas, salientando-se, em 2015, um aumento significativo dos empréstimos a empresas que obtiveram acesso a financiamento bancário pela primeira vez, bem como uma recuperação gradual dos empréstimos a pequenas e médias empresas (Boletim Económico, Maio 2016, Banco de Portugal).

1.3 MERCADO DA PINHA E DO PINHÃO

Em 2015 o mercado da pinha e pinhão apresentou comportamentos negativos, quer a nível interno, quer a nível externo.

No mercado interno, e de acordo com o inquérito à comercialização da pinha realizado pela UNAC na campanha 2014/2015, o preço médio atingiu os 0,62 €/kg, uma significativa redução de 35% face ao ano anterior.

No mercado externo, as exportações portuguesas de pinha/pinhão em 2015 apresentaram uma redução substancial de cerca de 35%, tendo atingido os 9,6 milhões de euros.

Figura - Exportações de Pinha/Pinhão
(Fonte: INE para o código 08029050)



NOTA: o INE utiliza o código 08029050 que apesar de corresponder a "Pinhões (*Pinus spp.*), frescos ou secos, com ou sem casca ou pelados", inclui também a pinha por processar.

2. INCIDÊNCIAS DA CAMPANHA

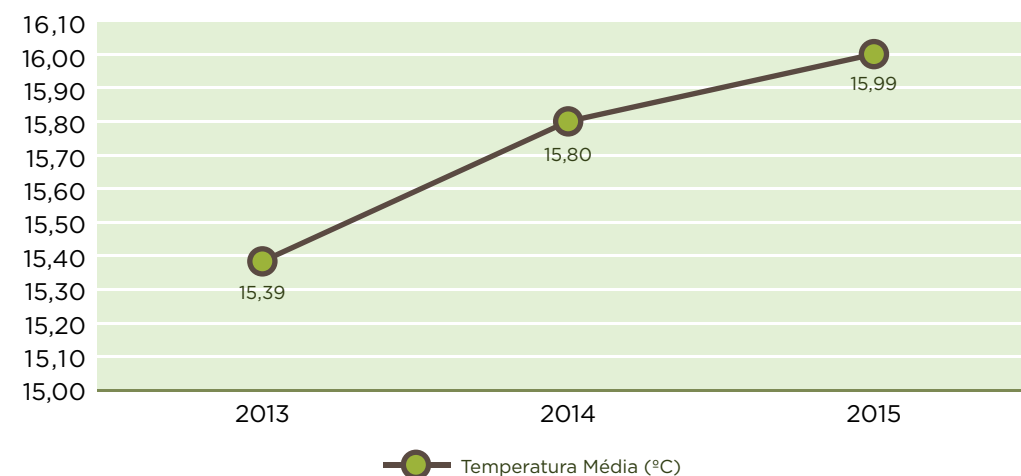
2.1 EVOLUÇÃO DAS CONDIÇÕES CLIMATOLÓGICAS NO TRIÊNIO

As condições climatológicas têm influência na produção de pinhas, existindo uma grande variação anual na produção de pinhas que depende de fatores climáticos sendo o mais limitante o stress hídrico. Em síntese, esses fatores podem ser sintetizados da seguinte forma:

- Um bom ano para a iniciação das pinhas terá que ser um ano com um grande número de flores, ocorrência que depende da precipitação no inverno do ano anterior;
- O tamanho das pinhas produzidas no terceiro ano, quando são colhidas, assim como o peso das pinhas e o peso em pinhão estão relacionados com a precipitação de fim de primavera / princípio do Verão desse ano;
- Temperaturas extremas ou secas extremas durante qualquer período do ciclo de três anos na produção de pinhas irá reduzir substancialmente a produção de pinhão.

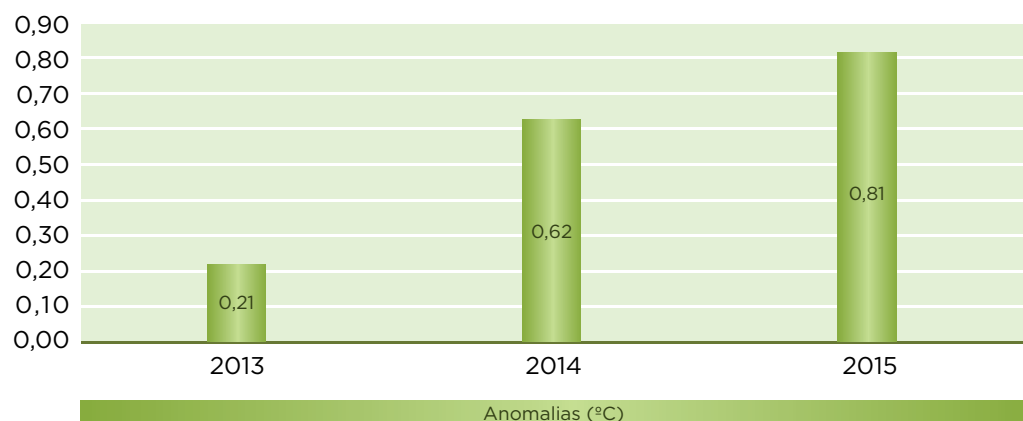
Atendendo à temperatura média anual, e não obstante as naturais variações anuais (ver Figura), é possível constatar que no período de formação da pinha (três anos) esta foi sempre superior ao valor normal 1971-2000 (15,2 °C).

Figura - Temperatura média (°C) entre 2013-2015
(Fonte: IPMA)



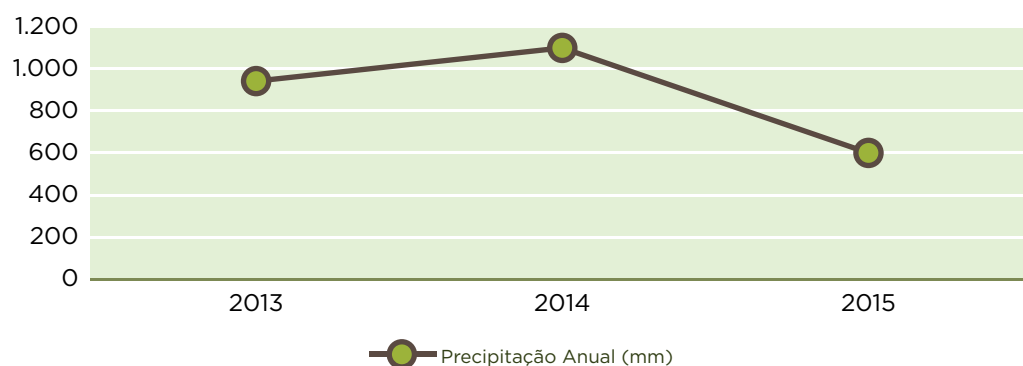
Isto é particularmente evidente na Figura seguinte, onde as anomalias são sempre positivas e, em dois anos (2014 e 2015), de valor expressivo, acima de 0,5 °C.

Figura - Anomalias (em relação ao valor médio 1971-2000) da temperatura média (°C) entre 2013-2015
(Fonte: IPMA)



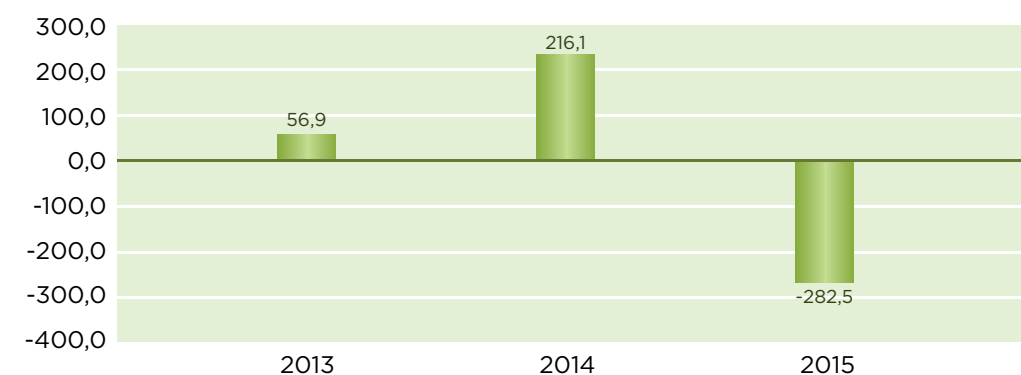
Na precipitação anual, e tendo em consideração o valor médio anual da normal 1971-2000 (882,1 mm) verificamos que apenas no último ano (2015) da formação da pinha a precipitação anual foi inferior.

Figura - Precipitação anual (mm) entre 2013-2015
(Fonte: IPMA)



Quando analisamos em detalhe as anomalias (ver Figura), isto é, os desvios face à média anual da normal 1971-2000, constatamos que o ano 2015, classificado como extremamente seco, teve uma redução de 32%.

Figura - Anomalias (em relação ao valor médio 1971-2000) da precipitação (mm) entre 2013-2015
(Fonte: IPMA)



Apesar destes dados serem de âmbito nacional, não refletindo as variações regionais e locais da precipitação, os períodos/meses em que a mesma ocorreu e as condições específicas de cada pinhal manso, não deixam de ser elucidativos quanto ao potencial impacto no crescimento e formação da pinha.

2.2 INCÊNDIOS FLORESTAIS, PRAGAS E DOENÇAS

De acordo com o Relatório Anual de Áreas Ardidas e Incêndios Florestais em Portugal Continental (ICNF, 2016), 2015 foi um ano em que os incêndios florestais tiveram um impacto muito residual no pinhal manso. Foram registadas em Portugal Continental 15.851 ocorrências, das quais 21% correspondem a incêndios florestais (com área ardida ≥ 1 ha) e 79% a fogachos (ocorrências com área ardida < 1 ha).

A área ardida foi de cerca de 64.412 hectares (37% em povoamentos florestais e 63% em matos), o que representa um decréscimo de 38% face à média dos últimos dez anos (menos 39.837 hectares).

A estimativa para a área ardida de pinheiro manso é de 477 ha (2% área ardida por espécie florestal em 2015), o que representa uma taxa de incidência de apenas 0,11%.

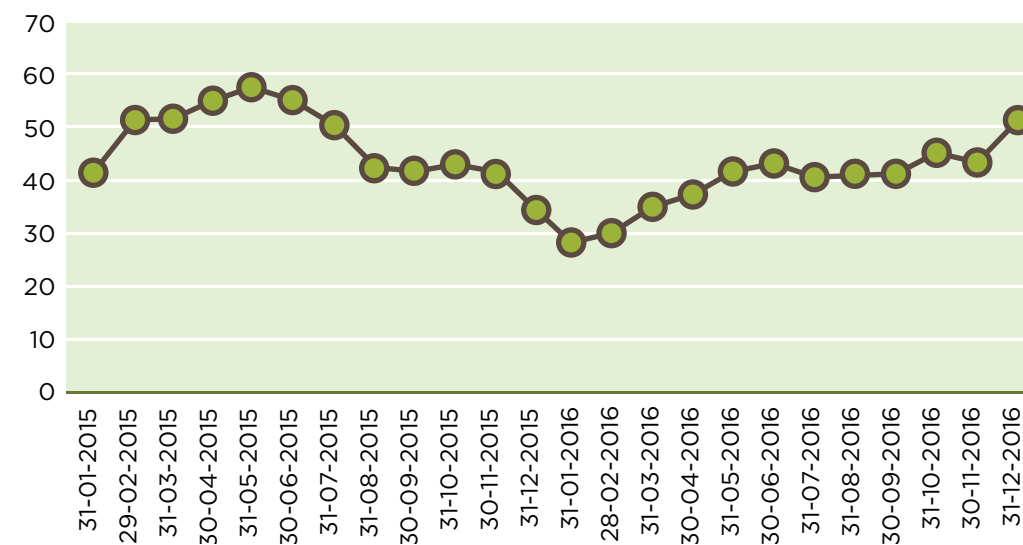


3. FATORES DETERMINANTES DA ESTRUTURA DE CUSTOS DA APANHA DA PINHA

3.1 ENERGIA

O início de 2016 marca a inversão da trajetória descendente de preço do petróleo (EUR por barril) nos mercados internacionais, iniciada em maio de 2015. Os preços aumentam ao longo de todo o ano de 2016, tendo terminado o ano com um valor 51,3 EUR por barril. A 31 de Dezembro de 2016 o preço do petróleo apresentava uma aumento de cerca de 48% face a 31 de Dezembro de 2015, sensivelmente o preço registado no início deste período (Fevereiro de 2015, com 51 EUR por barril).

Figura - Preços do petróleo (EUR por barril) entre 2015-2016
(Fonte: Banco de Portugal)

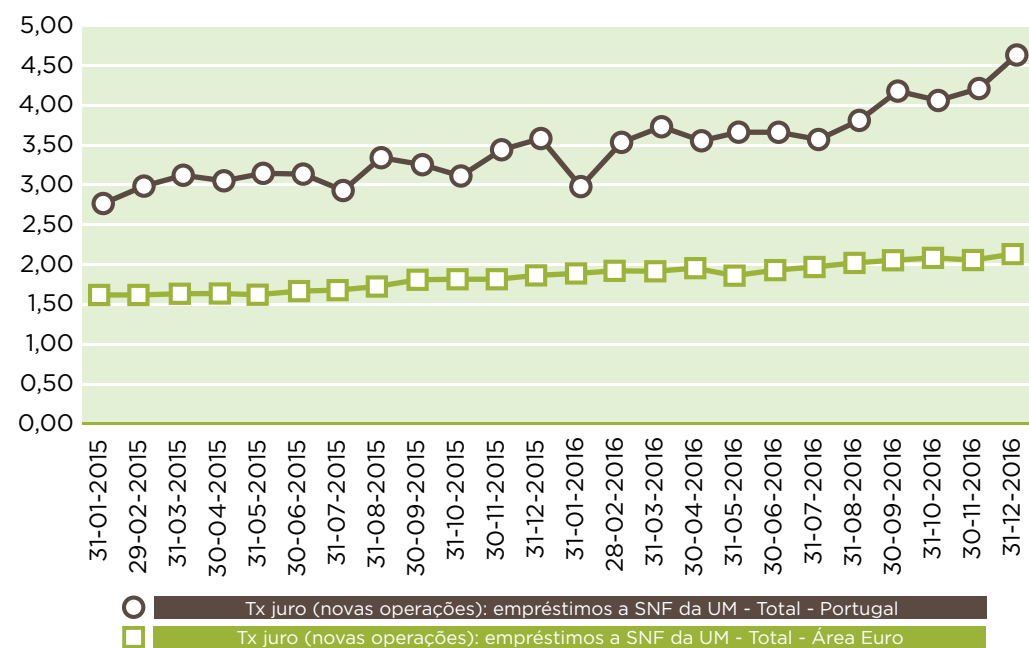


3.2 TAXAS DE JURO

A tendência de redução gradual da taxa de juro do crédito a sociedades não financeiras em Portugal manteve-se ao longo do período de 2015-2016.

As empresas portuguesas ainda enfrentam taxas superiores à média da área do euro (2,98% em Portugal face a 1,88% para a área Euro em dezembro de 2015), mas a diferença está a diminuir.

Figura - Taxas de juro de empréstimos a SNF (novas operações)
(Fonte: Banco de Portugal)

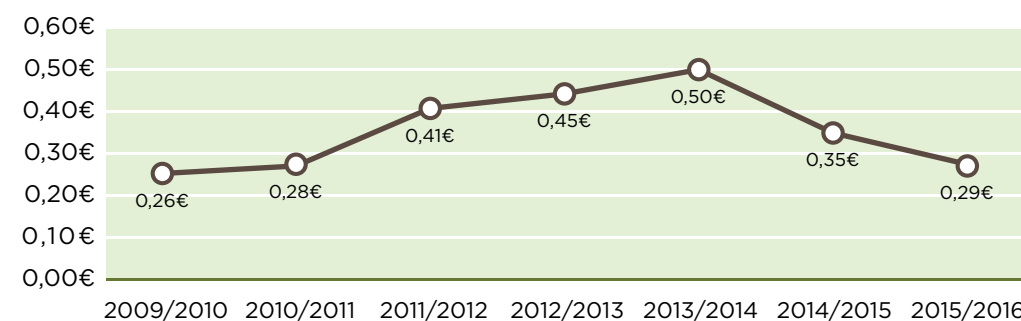


3.3 CUSTOS DE APANHA

O custo médio de apanha da pinha na campanha de 2015/2016 foi de 0,29 €/kg, um decréscimo de 18% face ao ano anterior.

De salientar também o facto deste ano representar a manutenção da inversão da tendência de aumento deste relevante parâmetro na estrutura de custos (52,73% do preço médio de comercialização ocorrido em 2015/2016), a qual ocorria desde 2010/2011.

Figura - Custo de apanha de pinha
(Fonte: UNAC)





4. CARATERIZAÇÃO DA CAMPANHA DE 2015/2016

4.1 ENQUADRAMENTO DA CAMPANHA

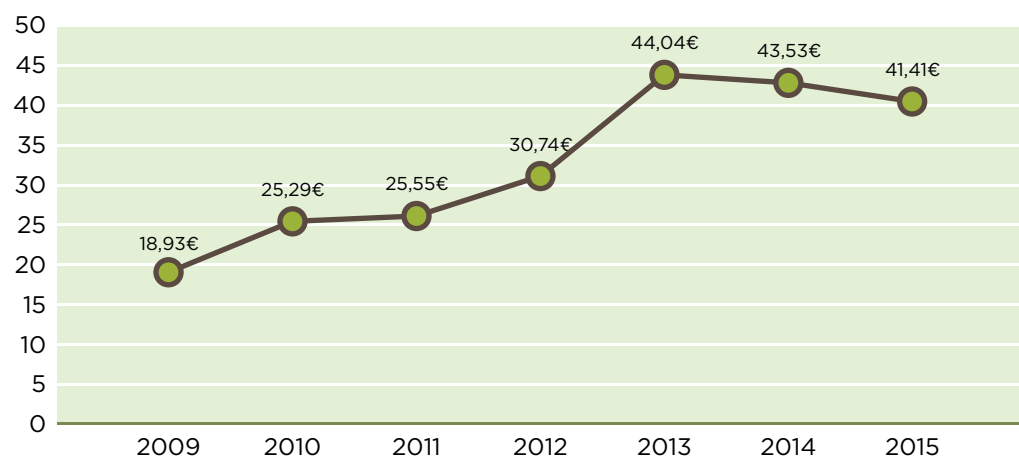
A exemplo do sucedido nas campanhas anteriores, em que se tinha registado uma muito reduzida produção de pinha, estimava-se uma elevada heterogeneidade na produção de pinha e mantinham-se os receios da indústria relativamente ao rendimento de pinhão.

Existia também alguma expectativa relativamente ao novo regime jurídico aplicável à colheita, transporte, armazenamento, transformação, importação e exportação de pinhas da espécie *Pinus pinea* L. (pinheiro-mansão) em território continental, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 77/2015, de 12 de maio, e que havia entrado em vigor a 10 de agosto de 2015, designadamente para ver de que forma os diferentes agentes se iriam adaptar às novas regras e se o mesmo teria algum impacto na redução do problema dos roubos de pinha.

Não obstante o contexto macroeconómico mais favorável a nível mundial, e a manutenção da tendência de recuperação da economia portuguesa, o mercado do pinhão apresentava dificuldades com as exportações em 2015 a atingir uma redução na ordem dos 35% face a 2014.

Também a análise à evolução da cotação de miolo de pinhão 2006 – 2015 na Bolsa de Reus (mercado entre a indústria e a distribuição) era elucidativo quanto à tendência de redução de preço que estava em curso, e que se iria acentuar ao longo de 2016.

Figura - Evolução da cotação do miolo de pinhão 2009-2015 (€/kg)



4.2 RESULTADOS DO INQUÉRITO

4.2.1 CARATERIZAÇÃO DO UNIVERSO DOS INQUÉRITOS

Os inquéritos rececionados no âmbito desta campanha totalizaram 36 respostas, dispersos por 13 concelhos, com uma dimensão total de pinha colhida de 2.427 ton (considerando apenas inquérito com pesagem de pinha).

4.2.2 COLHEITA E COMERCIALIZAÇÃO

A colheita de pinha no âmbito desta campanha foi efetuada de forma manual para a quase totalidade dos produtores florestais inquiridos. Efetivamente, apenas um inquérito declarou utilizar colheita mecanizada, complementada por colheita manual.

Relativamente à responsabilidade da apanha da pinha (que pode ser realizada pelo produtor ou, quando a pinha é vendida na árvore, realizada pelo comprador), constata-se que 55% dos produtores opta por assumir a responsabilidade da colheita da pinha.

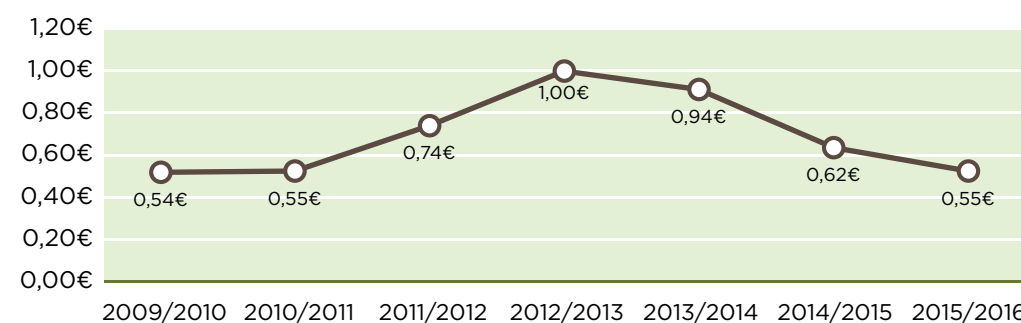
Relativamente à modalidade da venda da pinha (que pode ser realizada por pesagem, após a apanha, ou na árvore, quando a pinha é vendida antes da apanha), cerca de 69% dos produtores efetuaram a venda de pinha por pesagem. Salienta-se que este valor não representa a situação atual do mercado de comercialização da pinha, em que a maioria dos produtores ainda vende sem ter conhecimento da quantidade real transacionada.

4.2.3 PREÇOS DE COMERCIALIZAÇÃO

O preço médio de comercialização da pinha colhida (preço de pinha colhida e pesada) na campanha 2015/2016 foi de 0,55 €/kg, uma redução de 11% face ao preço do ano anterior.

Salienta-se que esta tendência de redução tem vindo a acontecer desde a campanha 2013/2014, na sequência do pico de preço registado em 2012/2013 (1,00 €/kg), acompanhando a quebra registada na cotação do miolo de pinhão e das exportações.

Figura - Evolução do preço de comercialização da pinha (colhida e pesada) 2009-2015 (€/Kg)







unac



União da Floresta Mediterrânica

R. Mestre Lima de Freitas 1, 1549 - 012 Lisboa
Tel.: +351 21 710 00 14 | Fax: +351 21 710 00 37
E-mail: geral@unac.pt
www.unac.pt